

EDITORIAL

Pesquisar para que? Uma pergunta que a princípio parece óbvia, ao mesmo tempo abre uma porta para algumas reflexões. Será a pesquisa uma atividade para uns poucos iluminados encastelados em seus laboratórios e gabinetes com acesso restrito? Ou será a pesquisa uma atividade inerente à condição humana devendo, portanto, ser do homem, para o homem e pelo homem? Quando atendemos nossos pacientes nas clínicas e hospitais, quando orientamos pessoas em escolas, empresas, unidades de saúde e em domicílio, mesmo que de forma rudimentar, partimos sempre de evidências empíricas ou teóricas, estabelecemos objetivos, utilizamos um método, buscamos resultados e validamos respostas. Este é o nosso fazer consciente ou inconsciente. A pesquisa faz parte do nosso cotidiano, porém, nem todas chegam à publicação. Mas, nem por isso deixam de cumprir sua função social de contribuir com a melhoria da saúde da nossa população resolvendo problemas. Os nossos maiores desafios hoje estão nos problemas crônico-degenerativos, nas iniquidades do sistema de saúde, e na necessidade de desenvolver estratégias de empoderar pessoas no controle dos determinantes de sua saúde. Estas ações pedem atitudes simples, criatividade e bom senso. O resultado das nossas práticas, embora sendo resolutivas, precisam ser compartilhado de maneira adequada com a comunidade da Fisioterapia. A publicação em um periódico de boa circulação é a via mais legítima, pois fazemos pesquisa para a sociedade e não apenas para as bibliotecas.

Certamente, o rigor metodológico e as revisões exaustivas da literatura são importantíssimos para o avanço das práticas terapêuticas. O Fisioterapeuta brasileiro, porém na sua esmagadora maioria, não tem tempo e nem suporte financeiro para dedicar-se a tão importante tarefa. Mas, segue heroicamente fazendo o seu trabalho e conseguindo ótimos resultados, mesmo que anônimos. Por este motivo, precisamos de meios de divulgação científica de todas as modalidades. Os periódicos A, B, ou C têm todos o seu papel, sendo que a responsabilidade dos que têm classificação mais elevada é ainda maior, pois é necessário assumir a função de orientar, esclarecer e contribuir com o desenvolvimento dos novos pesquisadores, sem desanimá-los na primeira tentativa, e cuidar para não “jogar fora a água do banho com a criança junto”. Este importantíssimo papel compete ao corpo de revisores e editores associados com seus pareceres **consubstanciados** que, além de preservar a qualidade do periódico, ajudam a formar novos pesquisadores. A estes manifestamos nosso apreço e consideração, pois sabemos do esforço que empreendem para qualificar o trabalho de nossos colegas, em meio a tantas outras atribuições da profissão.

Professora Dra Auristela D. Moser
Editora